

ECOS DE GUIMARÃES

Redacção e Administração
R. Gravador Molariño, 45
GUIMARÃES

Director,
P. JOÃO L. CALDAS

Orgão Monárquico

Prop. e Editor,
JOÃO P. DA COSTA

Comp. e Imp. Tip. Lusitania
R. Gravador Molariño, 47
GUIMARÃES

NOVE DE ABRIL

Cinco anos passados sobre o memorável desastre e da nossa memória não se apaga a sua lembrança. Chamamos-lhe desastre e entendemos não ser crime dar ás coisas os seus verdadeiros nomes. Lembramos o nove de abril de 1918 porque, fazendo-o, dois objectivos atingimos: recordamos á republica o epilogo da sua politica vesga e sentidamente prestamos homenagem á valentia dos que por lá se bateram. Foi um desastre e ninguém de senso vulgar poderá sustentar o contrario. Mas embora se trate duma derrota, nem sempre os desastres aviltam. Só ha deshonra quando se foge. E no nove de abril ninguém fugiu. Cumpriram o mais rudimentar dos deveres os soldados: resistiram enquanto a honra militar não foi salva. Salva a honra nem sempre surge o heroismo. Foi o que aqui aconteceu. Combataram com honra, não desmereceram do conceito em que eram tidos os nossos irmãos que a republica criminosamente quis sacrificar, mas não vamos ao ponto de ver em cada soldado um heroi e em cada oficial um semi-deus. Não. As coisas nos seus logares. Touco nos importa que o que escrevemos desagrade aos amigos da Servia. O que queremos é ficar em paz com a nossa consciencia e só ficamos desde que digamos do nove de abril o que ele realmente foi: um desastre.

Falamos do nove de abril que ele é um dos episodios que mais ao vivo mostram o que a republica fez com essa decantada expedição a França que a Nação quasi inteira reprovou e com justos motivos. Que iamós nós fazer á França? O que eram, o que representavam algumas dezenas de milhares de soldados no meio de exercitos que contavam os seus efectivos por milhões de homens? Que pretendia esta negregada republica conseguir do seu acto? Combater pela Civilização? Não. Que a republica com o seu proceder de todos os dias collocou-se e collocou-nos fora da civilização. Combater pelo Direito? Não. Que não pode combater pelo direito quem o desconhece. Combater pela Liberdade? Não. Que não combate pela liberdade quem vive pela tirania. O que foram os nossos soldados fazer a França? Disseram-lhes que eram os tratados que lá os chamavam e isso parece ser uma mentira. O que eles lá iam fazer, era simplesmente isto: consolidar a republica. Foi para isso. Simplesmente para isso. Unicamente para isso.

Consolidar a republica era a preocupação dessa gente que nos manda, embora, para isso se fosse contra a vontade dum povo inteiro que desejava cooperar na guerra mas em outro local que não nas «longinhas campinas de

Flandres. Mandaram gente para França e deixaram ao abandono a nossa Africa onde fomos atacados e tivemos de recorrer ao auxilio de extranhos para expulsar o inimigo. Diziamos nessa altura o que pensavamos e não ha razões hoje, como as não haverá nunca, que nos demovam do nosso proposito. Nunca simpatizamos com a cooperação na guerra na Europa. Eramos germanofilos? Não. Não eramos amigos da Servia. Sempre desejamos a victoria dos aliados por uma questão de simpatia e não porque esperassemos daí a victoria do tal Direito e outras coisas mais. Somos dos que não fazem monopolio do patriotismo como fizeram os nossos democraticos que na cooperação na guerra e principalmente no modo porque nela cooperaram, encontraram o mais seguro e tambem mais certo caminho de enriquecer. A guerra foi para eles um negocio como negocios têm sido para tam santa gente estes doze anos de republica. Uma mina que lhes deu ouro em abundancia e, a quem não ama a republica, deu, em excesso, fome e lucto e miseria. Que vantagens tirou a Nação portugueza da entrada na guerra, em França? Matérias, nenhuma. Perdão: alcançamos Kionga — porque a conquistamos — a que o *talentoso e genial* principe de Seia chamou a nossa Alsacia!!! Que impudor e descarramento o deste cavalheiro. E quanto a vantagens de ordem moral, o caso do trez vezes nove...

Consolidara a republica? Não. Que não tem consolidação possivel um regime que todos detestam. O que todos esperam é o fim desta republica da morte e do crime. Nunca nos posemos ao lado dos inimigos de Portugal porque não eramos republicanos. Se o fossemos talvez...

O que admiramos nesta altura é que se continue a monopolisar o patriotismo. Mas não ha que extranhar. Na republica tudo se monopolisa. E, ao recordar mais uma vez a data celebre, não queremos deixar de acentuar que hoje, como amanhã e sempre, só serão herois para nós, como de resto para toda a gente, aqueles que foram além do cumprimento do dever. O heroismo começa onde acaba o dever. Os militares de Portugal bateram-se? Sem duvida. Não discutiram as ordens dadas nesse sentido. Fizeram bem. O militar vive para obedecer. E mal vai a todos se eles se metem a mandar. Acabemos.

O nove de abril lembra um combate. E como num combate ha sempre mortos e sacrificados para eles vam as nossas homenagens. Tanto mais que lá andaram muitos e muitos correligionarios nossos.

Um paiz democratico não pode ser bem governado, bem administrado, bem comandado. A razão é simples: o governo, a administração, o comando, são n'uma sociedade, o resultado de uma selecção que tira da massa um certo numero de individuos que governam, administram e comandam.

(RENAN)

Missa

A Redacção do *Ecos de Guimarães* manda celebrar uma Missa, pelas 11 e meia da manhã do dia 22 do corrente na Igreja da Misericórdia, desta cidade, pela alma do eminente estadista snr. Conselheiro José de Azevedo Castelo Branco, esperando a comparencia não só dos monarquicos d'esta cidade como dos seus antigos correligionarios.

Conselheiro Antonio Cabral

Temos em nosso poder um artigo deste eminente homem publico, aquem o paiz e a nossa Causa, tanto devem.

Publicalo hêmos no proximo numero.

Antecipamos os nossos agradecimentos ao nosso presado amigo, e illustre estadista enviando-lhe os nossos respeitosos cumprimentos.

CARTAS MONARQUICAS

Temos em nosso poder o N.º 6 desta brilhante publicação da autoria do nosso amigo Dr. Alfredo Pimenta a quem acompanhamos com todo o entusiasmo e solidariedade pelo desasombro com que vem defendendo a realização do Congresso, cada vez mais preciso, para se definirem atitudes e ver o caminho a seguir. As «Cartas Monarquicas» contem o seguinte sumario:

«Ainda o Congresso Monarchico.
—O Perigo hespanhol.—A politica da Nunclatura.—A Monarchia é a salvação.»

DR. EDUARDO D'ALMEIDA

Recebemos e agradecemos pehorados o novo trabalho literario do illustre publicista e nosso estimadissimo conterraneo snr. Dr. Eduardo d'Almeida.

Vamos ler o *Recolhimento do Arcanjo S. Miguel* disendo, depois, o que se nos oferecer sobre essa nova produção literaria do snr. Dr. Eduardo d'Almeida que muito enobrece esta terra pelo seu talento e qualidades.

MARQUEZA DE RIO MAIOR

A illustre escritora e brilhante poetisa D. Branca de Gonta Colação, que aos primores de uma educação literaria junta todos os grandes encantos, numa conferencia realisada na *Liga de Acção Social Cristã*, traçou o perfil d'essa figura gentil que foi a Marquesa de Rio Maior, fazendo sobressair o seu formoso espirito e a sua muita caridade.

Não é sem o mais comovido respeito que nos associamos a tudo quanto a Senhora D. Branca Colação disse da veneranda e illustre morta.

Recordamos com saudade o tempo que a nobre titular se encontrava exilada, distribuindo carinhos e afagos e esmolos...

O perfil moral traçado pela distintissima escritora, cala profundamente no coração de todos e sendo justas as palavras de saudade por Sua Ex.ª profridas, não tambem as nomes.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E AGRICOLA DE GUIMARÃES E AS FESTAS GUALTERIANAS

Colhidos de entre o nosso meio comercial os elementos preponderantes que definem a orientação economica da nossa praça, vê-se com intima satisfação que eles se agitam em torno do assomdroso empreendimento da Associação Commercial, qual é a *Exposição Industrial e Agricola do Concelho de Guimarães e as Festas Gualterianas*, cuja realidade é, indubitavelmente, a suprema aspiração dos vimaranenses que amam a sua terra e se sacrificam pelo seu progresso. Não nos surpreende essa honrosa e exemplificadora attitude nas pugnas mais vivas e entusiastas da defeza dos interesses locais, nos habituamos a encontrar-los firmes e energicos, irmanados num só sentimento nobilitante—o patriotismo—e unificados num só ideal dignificador—o progresso da sua terra—

Com semelhante organização tam sobria de competencia como possuida de entusiasmo, não ha hesitações, é caminhar intrepidamente atravez das multiplas dificuldades que surgem sempre nas iniciativas de vulto, como aquela de que presentemente se occupa a patriótica Direcção da Associação Commercial de Guimarães—Obra gigantesca que syntetisa toda a vida economica e financeira da nossa terra, terra de nobreza e de tradições heroicas, como o testemunham os seus monumentos historicos, centre populoso de trabalho intenso e progressivo, que é todo o seu valor e toda a sua incontestavel riqueza. E porque essa riqueza e esse valor se vai exteriorisar brilhantemente na Exposição Industrial e Agricola, para o engrandecimento do paiz converja a soma de tantos esforços e na devida correspondência, dele

advem para as nossas industrias maior valorização e mais accentuada preferencia.

Na reorganização da industria mundial que a monstruosa guerra prevteu e atirou para a mais nefasta anarquia, admira-se a evolução operada nos mercados estrangeiros, não só para a intelligente propaganda do aprefeiçoamento dos seus produtos, mas tambem para a artistica preparação dos seus mostruarios, que outra coisa não são senão autenticos certamens destinados á conquista aos grandes mercados.

A industria portugueza sentindo os reflexos daquela intelligente organização de propaganda, desperta então do ronceirismo que a atrofiava, toma calor e alento nos progressos da engenharia e da mecanica, vigorisa-se nos processos scientificamente modernos, e apresenta-se toda louçã glorificando a iniciativa que a vivificou, modernizou e desenvolveu. E foi assim que se estabeleceram as Feiras anuaes do Porto e Lisboa com produtos de todo o paiz e é assim que em Guimarães, se vai realizar a primeira Exposição concelhia com produtos exclusivamente seus.

Apropriado o Campo e lançada a semente fructificadora para a expansibilidade da nossa industria e da nossa agricultura, a Direcção da Associação Commercial, desvia por momentos a sua criteriosa atenção para o ressurgimento das feiras francas de S. Gualter, revestindo-as de esplendurosos e brilhantissimos festivais, que pensa efectivar com o concurso dos mais valiosos elementos que se possam coligir.

G.

“A EPOCA,”

Fêz há dias anos *A Epoca*. À frente de *A Epoca* está o venerando jornalista catolico snr. Conselheiro José Fernando de Souza.

Não cabe nos estreitos moldes das habituais saudações as que queremos dirigir *A Epoca*, visto que reconhecemos com toda a verdade e com toda a justiça que o brilhante diario tem prestado ao paiz serviços da mais enexquesivel valia e da Religião tem sido o mais estrenuo e querido defensor.

Não é sem o mais justo sentimento de admiração que todos nós que escrevemos em jornais olhamos para a vida desse varão insigne que preside aos destinos de *A Epoca*, que nos deve servir de modelo, tais as virtudes civicas e morais que lhe exornam o carater.

Combatendo pela Igreja e pela Patria, o illustre jornalista honra uma Causa e um paiz digni-

ficando ambos pela alta envergadura moral com que os defende e pelo justo criterio com que sempre se há em todas as questões.

Neste mar revolto, onde tumultuam em soffrega ambição a vaidade de muitos invejosos, Fernando de Sousa, levanta se como uma elevada figura que todo o paiz respeita e considera como alguém digno da admiração de todos nós, que acima das paixões, collocamos os homens que a todos se elevam pela inteireza do character, pelo patriotismo das acções e pelo brilho e honradêz de proceder.

E entre estes, Fernando de Sousa, ocupa, sem favor, um lugar de destaque.

Aproveitando o aniversario do criterioso diario, enviamos-lhe os nossos milhores cumprimentos, englobando nestas saudações o illustre corpo redatorial d' *A Epoca* que tam preciosamente complementa a conduta brilhante e impetuosa do portuguez insigne e emenente que tem a dirigi-la.

FRANZ

As Vítimas da Republica

Ha dois anos que um governo republicano da presidencia do snr. Bernardino Machado deu aos monarchicos uma amnistia, unico meio que a republica encontrou de remediar as muitas injustiças que nos julgamentos bouvera. Para que a amnistia fosse uma realidade muito concorreu Jacinto Nunes e o brilhante diario de Lisboa a «Epoca». Mas, como se tratava dum acto da republica, tinha necessariamente de ser tórto. E, na realidade, foi-o. A lei que amnistiou os nossos correligionarios do gesto grandioso de se revoltarem contra a bambuchata republicana, não foi cumprida. E não o foi porque a republica tem pela lei, que ela mesmo faz, o mais completo despreso. Estabeleceu-se que o governo poderia interditar da residencia no territorio continental aqueles elementos que julgasse prejudiciaes e que essa interdição seria decretada na mesma lei que desse a anistia. Ora isto não se fez. Passaram-se dias e os desterrados não se decretavam. Esperava-se que as más vontades se manifestassem. O odio republicano precisava de mostrar-se. E mostrou-se a valer. Só de Braga foram imolados tres. Assim se satisfaz a vontade de *alguem* que não sendo *ninguém* num regime servido por creaturas normaes, é muito alto nesta bacanal de baixo imperio que é a vida da republica. Novo sacrificados lá andam pelo estrangeiro a atestar a toda a gente que o governo portuguez consente que ande em liberdade um assassino dum chefe de republica e não quere cá dez homens de bem.

Que crime praticaram, Paiva Couceiro, Padre Domingos, Solarí Alegre, Sá Guimarães, Rocha Pinto, Arnaldo Pissarra, Baldaque, Prelada, e Antonio Rodrigues? O crime que praticaram foi o quere passar a republica ao mundo das tristes lembranças. Tomaram parte na resolução monarchica de ha 4 anos, e isso perdeu os para aqueles que de tudo cuidam, menos dos interesses nacionaes.

Passam por lá privações sem conta porque, honestos, não encheram as algibeiras como muitos dos seus algozes ham feito. Contudo a calunia não os tem poupado. Aqui perto de nós se encontram alguns. Tanto pior para eles que por verem a todos os instantes a terra que é deles e que é de todos nós, mais devem sofrer. A nostalgia é com certeza maior. Felizes se felizes ha neste caso—aqueles que vivem lá para mais longe. No dia que marca a continuação das suas desgraças, recordamo-los com enternecida saudade!

Não esqueçamos nunca o muito que a Monarquia lhes deve. Para eles vam nesta hora de tristeza e de provações as nossas homenagens. Sam nove victimas que a republica sacrificou continuamente e de que ha de dar severas contas no dia do juizo. A nosa solidariedade não lhes falta nunca. Sam martires duma Ideia.

E os martires duma Causa sam modelo que temos de imitar. Imitemo-los, pois, no amor e nos sacrificios feitos por todos nós, pela Causa Monarquica. E que a bandeira azul e branca que eles arvoraram em 1910, no-los restitua em breve, sam os desejos de quem aqui se bate pelos mesmos Idiaes, porque eles se bateram.

Semente de Melro Espanhol

(Vindo directamente)

Ha todas as qualidades de sementes á venda na antiga e acreditada casa Sequeira.

R. S. Damaso-Guimarães.

O Nosso Ilustre Colega "Diario de Noticias,, e o Estado de S. Paulo

Transcrevemos, com a devida venia a entrevista que o distinto jornalista snr. Acurcio Pereira, teve com o Presidente do Estado de S. Paulo, chamando para ela a atenção dos nossos leitores:

A situação de independencia em que o regime federativo brasileiro permite que vivam os seus Estados, tem sido o propulsor maravilhoso dos seus recursos e conomicos. Nada ha que o Brasil não possua—dizia me uma vez o antigo Ministro das relações Exteriores dr. Lauro Muller—E todos os dias se anuncia a descoberta dum novo mineral, a applicação dum dos seus vegetais a um novo processo de cura—sei lá!

E, com efeito, o Brasil é mesmo muito mais rico do que os proprios brasileiros supõem. Dos Estados que compõem a Republica o mais poderoso, o melhor organizado e o mais progressivo é o de S. Paulo. Dentro dele, percorrendo-o para um e outro lado nas suas magnificas linhas ferreas, a impressão que se recebe é a de uma casa arrumada, onde cada um sabe o seu lugar e percorre o seu caminho sem bulir nos outros. O segredo do seu colossal desenvolvimento não está senão nesse espirito de disciplina e de liberdade e na sua administração serena e na applicação gradualmente calculada dos melhoramentos. O paulista está longe de ser, como o carioca, um homem expansivo e folgazão. Ao passo que o carioca dir-se-ia ficar contente desde que tenha o pão e o azeite para uma açorda o paulista gosta de dormir descansado com algumas economias no Banco. Mas não é apenas o paulista. O proprio estrangeiro, que para ali vai com o agulhão da febre de ouro, adapta-se ao meio com relativa facilidade, de modo que a tarifa dos homens que dirigem os negocios publicos fica sensivelmente reduzida.

Eu tive ensejo de conversar durante uma larga meia hora com o dr. Washington Luís, presidente do Estado, e dele ouvi a confirmação daquelas opiniões que eu for ulára poucos dias após a minha chegada a S. Paulo. Importa dizer que o dr. Washington Luís não é paulista de nascimento é paulista por espirito. Ele tem as mesmas qualidades de inabalavel persistencia, o mesmo valioso espirito de exclusivismo em favor do Estado, a mesma serenidade que nenhum acontecimento enfraquece. Sabe que, orientando-se neste e naquele sentido, chegará, pela força da sua vontade, a remover todos os obstaculos e a atingir o seu objectivo e nada o desviará desse caminho.

Sentado num sofá, numa das salas do seu palácio, o dr. Washington Luís, que foi encantador de amabilidade, dizia-me:—As condições em que vive o Estado de S. Paulo são a resultante da natureza do solo e da indole da população. O solo é riquissimo e tudo brota dele com uma abundancia que assombra. A produção principal é de café e nisso toma a dianteira a todos os outros Estados e a todos os outros países produtores, de tal modo que ela se regista na proporção de 100 para 30 quanto a algumas regiões e até de 100 para 30 quanto a outras. Se percorrer o interior terá ensejo de observar quilometros e quilometros de pés de café, que, ao mesmo tempo, que promovem a riqueza publica, enriquecem os fazendeiros e transtornam os colonos, chegados pouco antes na miséria, em pessoas abastadas,

Escuso de citar-lhe exemplos. Eles são tantos, tantos que com certeza, aos seus ouvidos alguns já chegaram.

Dois ou tres numeros apenas em 1921, saíram do Brasil 8.795.184 sacas de café 7.645.935 pertenciam ao Estado de S. Paulo. No mesmo ano, o valor total da exportação pelo porto de Santos foi de 753:177.879\$000 pertencendo ao café 591.183:694\$200. O café é, pois, abase da nossa economia, e, por isso, o meu governo lhe dedica atenções especialissimas, ocupando-se do desenvolvimento das linhas ferreas e da construção de estradas de modo a facilitar-se a deslocação e o barateamento do produto, e de outras medidas que o protejam.

Neste momento porém, luta mos com um grave obstaculo, a falta da mão de obra. Não temos trabalhadores suficientes da lavoura, a despeito das inumeras vantagens que dispensamos ao imigrante, das probabilidades de exito que ele encontra e da doçura do clima, que, pode dizer-se, é dos melhores do Brasil. Para o elucidar melhor, basta que lhe diga que o Estado paga a passagem do imigrante desde a localidade donde ele sai até á fazenda em que ira empregar-se pois tem sempre assegurado trabalho. Com a imigração dispndemos num ano tanto como o governo federal com os outros Estados.

E sublinhou — Necessitamos de braços para a lavoura, sobretudo para a lavoura do café, que dá uma boa remuneração, em especial ao imigrante com familia. A cidade exerce attracções sobre os espiritos simples, mas nunca oferece as probabilidades de exito que o campo, onde tantos estrangeiros se tem enriquecido.

O dr. Washington Luís, reclinando-se um pouco mais no seu lugar, continuou:—No Estado de S. Paulo, o imigrante mais numeroso é o italiano e até estamos em negociações com o governo Mussolini para a realização dum acordo que permita intensificar a corrente imigratoria. O segundo lugar é disputado entre os espanhóis e os portugueses. O português é muito apreciado pelas suas qualidades morais; é fiel, humilde, suportando trabalhos por mais arduos. Pela sua parte, a identidade da lingua e da raça facilitam-lhe imenso a vida. De resto, ele encontra aqui um natural ambiente de simpatia pois não descendemos quasi todos de portugueses?... O Estado de S. Paulo veria com muito agrado que entre Portugal e o Brasil se realizasse um accordo de imigração, com mutuas garantias, que nos collocass em condições de adquirirmos no seu país uma parte dos braços de que necessitamos.

E depois duma pausa:—E' claro que o trabalhador rural portuguez não vem imediatamente apto a assumir as responsabilidades que em identicas circunstancias, assumiria na sua terra: ele ignora por completo as épocas de plantação dos produtos, visto que as estações não são as mesmas—como desconhece as épocas de caruir e colher, as influencias do sol e da chuva os efeitos da geada. Mas isso rapidamente aprende. Acrescente que os serviços pau-

Carteira Elegante

—«Inteligente e viva, vai passar... Olhai—que suavidade tão singela! Parece um astro que anda a passear... Que veio á terrn humilde, alguma estrela,

Algum lirio do Céu, formoso e santo: Mas há quem vá resando ao meu ouvido Um nome estranho e vago, assim um tanto Excentrico, exquisito no sentido...

O Diabrete!—Um riso que esvoaça: Sorgnon em distincção... Ela vai vêr... Então o seu mandou á sua graça A graça de Satan?!—Não pode sêr...

Versos, quebrai o fio, pobresitos, Mendigos do pensar, melhor vos fôra Morrer... sois uáda... O só do Infinito E' o espirito gentil desta Senhora.»

Na proxima semana fazem anos as seguintes Senhoras e cavalheiros.

Dia 2—General Julio Acionoli de Menezes e José Candido Ferreira Mendes.

Dia 4—D. Luiza Cardoso de Macêdo Martins de Menezes (Margaride) D. Constança Victoria d'Abreu Lima, D. Violanta de Barros, D. Maria Inês Martins Fernandes Ribeiro, D. Rosa Cunha e José Vás Vieira, Dia 6—D. Maria Manuel d'Abreu Lima e Dr. Pedro Guimarães.

Dia 10—Conselheiro Serafim Antunes Rodrigues Guimarães.

Dia 11—D. Ermelinda Alice Costa Guimarães Ferreira e Dr. José Antonio Meireles Campos Henriques.

Dia 13—D. Candida Vieira Veloso

Dia 14—D. Julia de Souza Leite Corrêa d'Almada (Lindoso) e Manuel das Neves Veloso.

Dia 15—D. Maria Efigenia Martins Carneiro Soares.

Festa de Caridade

Resultou numa festa brilhantissima não só pelo fim em vista como pela assistência destintissima, a festa de caridade promovida na Liga Naval, pelo nosso querido colega da capital Correio da Manhã.

A seguir á distribuição de factos e dinheira a umas centenas de crianças pobres, houve Matinée em que tomaram parte além de alguns dos principais artistas dos teatros da capital diversas pessoas da alta ródá portuguesa. Dançou-se depois animadamente até ás 8 horas da tarde, sen-

listas para a imigração continuam protegendo o colono, dando-lhe assistência judiciaria, vigiando a realização dos contratos etc, e que, na propria fazenda em que ele se emprega por entre os milhares de pés de café que tomou a seu cargo, nas proprias terras do patrio, pode plantar cereaes—milho, arroz, feijão,—que vende a quem muito bem quiser. Com os seus contratos nas fazenda, os colonos que sempre chegam pobres, têm garantido trabalho remunerador durante um certo numero de anos, os primeiros e os mais dificeis recebem casa e adiantamentos para as primeiras despesas; aprendem a conhecer a terra e as suas estações, a trabalhar nela, a ama-la, estão ao alcance das vantagens da vida civil, avaliam as etapas da estrada que têm de percorrer, pelos pontos nela ocupados pelos

do servido á seleta assistencia um primoroso tea.

Ao Correio da Manhã, ao seu illustre e distinto director o nosso presado amigo snr. Dr. Anibal Soares e aos seus colegas de redacção, enviamos os nossos cumprimentos.

Conde de Azevedo

Fêz hontem anos o nosso querido amigo e illustre Ministro de Estado Honorario snr. Conde de Azevedo.

Sabe o nosso illustre e presadissimo amigo a grande dedicacção e simpatia com que o seu nome é querido nesta redacção, sendo pois para nós motivo de dupla satisfação o cumprimenta-lo por esta data, desejando-lhe toda a sorte de felicidades e venturas.

Dirigindo-lhe as nossas saudações fazemos ardentes e sinceros votos pela vida de Sua Ex.ª, não só para seu bem e de sua familia, como de nós todos e da Patria e nossa Casua, que muito esperam dever ainda mais ao illustre fidalgo, que tanto se tem sacrificado pela restauração da Monarquia, tendo sofrido desde a longa prisão até ao exilio.

Por tudo o Conde de Azevedo, sendo uma figura marcante, é tambem uma das grandes esperanças da futura e proxima Monarquia, que em Sua Ex.ª tem um adepto tam valioso como dedicado.

Dr. Pedro Guimarães

Fêz anos na sexta-feira, passada, o nosso presado amigo e illustre operador no Porto sr. Dr. Pedro Guimarães.

Não é sem saudade que recordamos a imponente festa de que foi alvo o nosso querido amigo

que chegaram antes deles. Por toda o parte encontra colonos feitos pequenissimos proprietarios que se transformam, por vezes, em grandes fazedeiros. Quasi todo o pequeno comercio, e mesmo grande parte do grande comercio no interior e nas grandes cidades está em mãos dos que vieram como colonos, ou que vieram com a colonização ou por causa dela.

E, dando ás suas palavras um acentuado tom de sinceridade, o dr. Washington Luís terminou:—A cada passo encontra o Senhor bastantes exemplos que autenticam as minhas palavras. O Estado de S. Paulo é um Estado prospero, duma prosperiedade crescente. Estimaria bem que os portuguezes—de quem descendemos—tomassem uma parte nos trabalhos e nos lucros dessa prosperidade.»

temos a culpa de os homens se matarem uns aos outros, de não haver pão. Se tudo está pelos olhos da cara?

—Não digo que seja eu ou tu, Luiz, mas somos nós todos. Olha lá, lembra-te do 5.º mandamento da Lei de Deus?

—Desconfio que já os não encontrei, mulher.

—O quinto é— não matar. Ah! tens. Se os homens, antes de se envolverem nessas grandes guerras em que há milhões de mortos, se lembrassem da lei de Deus, procurariam resolver as bõas todas as suas questões, evitando essas carnificinas que Nosso Senhor proíbe.

—Isso é bom de dizer, mas quando o odio se apodera do homem!

—Pois ahí é que está. Deus não manda odiar. Deus quer que os homens se amem uns aos outros, que se perdoem as ofensas, que se estimem como irmãos.

—Pois sim, mas se o meu irmão me quer tirar a pele, heide deixá-lo?

—Olha, desde que há tanta gente que não quer pagar o jornal a quem trabalha, que se pensa em tirar a pele ao seu semelhante, está bem de ver que a lei de Nosso Senhor é desrespeitada. Nosso Senhor quer que se pague o justo salario a quem trabalha e que se auxiliem os pobres.

—Mas os trabalhadores continuam sendo escravos.

—Estás enganado, homem. Os trabalhadores deviam lembrar-se dos tempos antigos, quando a lei de Jesus Cristo ainda os não tinha libertado. Então sim que eram escravos. O seu dono podia matá-los, como se fossem lazarentas bestas de carga, mas foi Nosso Senhor que os libertou, honrando o trabalho. Ora o que fazem hoje os trabalhadores? Quere-n destruir a Lei do Cristo, primeiro que tudo. Pensam que a felicidade consiste em ganhar muito dinheiro. Pensam que o progresso é os de baixo mandarem nos de cima. Por isso anda tudo neste belo estado, nesta anarquia, nesta miséria. Não Luiz: o dinheiro não dá a felicidade, nem a abundancia nem a ordem.

—Mas então o que se ha de fazer?

—Ah! Luiz: se os homens se deitassem com amor ao trabalho se aprendessem a respeitar se uns aos outros, a auxiliar se, obedecendo á vontade de Deus, acabarse-hiam muitas miserias. Lembra-te do nosso pobre abade?

—Lembro.

—Ah! tens um homem de Deus. Vê lá o que ele fez o ano passado a favor do povo, a favor dos pobres. Ele fundou a sopa economica. ele andava pelas casas dos ricos pedindo dinheiro e roupas para os pobres ele visitava os enfermos.

—Era um santo.

—Era um homem de Deus. Luiz. E o que lhe aconteceu? Levantaram-se ahí meia duzia de malandrin, começaram a dizer que o homem era reaccionario e jesuita; que era contrario ao regimen, (muito se importava ele com o regimen) e não houve enxovalho que lhe não fizessem. Até que o puzeram fora daqui.

—Foi uma pouca vergonha.

—Foi. Mas o que fizeram vocês, os homens honrados o que fez o povo que tanto lhe devia? Teve medo deixou correr. Então a culpa é de Deus, das suas leis, dos que sabem cumpri-las?

—Não, Luiz, a culpa é dos maus, que teem odio a Jesus, que só pensam em encher a barriga e gosar á custa do seu semelhante.

—Tens razão, mas o que se ha de fazer?

—Primeiro rezar com fervor, cumprir os devêres da Egreja; depois fazer tudo quanto for necessario para que ela triunfe e faça retornar a paz.

Sociedade de Exportação Vimaranesense, L. da

Para todos os efeitos se publica que por escritura de 8 de Janeiro do corrente ano, lavrada pelo notario da comarca de Guimarães, Dr. Antonio José da Silva Basto Junior, foi constituída uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos e sob as clausulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º *Esta sociedade tem por objecto a exportação em geral de artigos fabricados pelos socios e outros que á sociedade convenha adquirir. Adopta a denominação de "Sociedade de Exportação Vimaranesense, Limitada, e tem a sua sede na rua de Gil Vicente, desta cidade de Guimarães, na casa designada pelos numeros 54 a 62 de policia, podendo estabelecer filiais quando nisso a maioria dos socios acordar.*

2.º *A sua duração é por tempo indeterminado e, para todos os efeitos, o seu começo se contará desde hoje.*

3.º *Da sociedade ficam sendo socios: a) A firma A. J. Cardoso & Filhos; b) A firma Alberto Rodrigues de Figueiredo & Filhos; c) Antonio de Almeida Cabral; d) Antonio Faria Martins; e) A firma Bento dos Santos Costa & C.ª Lim.ª; f) João Rodrigues Loureiro; g) Joaquim da Silva Marques Rodrigues; h) José Rodrigues Junior.*

4.º *O capital social é da quantia de cem contos, dividido em oito quotas, assim distribuidas: A. J. Cardoso & Filhos, vinte e quatro contos; Alberto Rodrigues de Figueiredo & Filhos, quatro contos; Antonio de Almeida Cabral, desoitto contos; Antonio Faria Martins, seis contos; Bento dos Santos Costa & C.ª, Lim.ª, vinte contos; João Rodrigues Loureiro, quatro contos; Joaquim da Silva Marques Rodrigues, dez contos; e José Rodrigues Junior, catorze contos.*

5.º *§ único. As entradas são todas em dinheiro e acham-se integralmente realizadas.*

6.º *A gerencia da sociedade, dispensada de caução, será exercido por dois membros escolhidos de entre os socios.*

7.º *§ 1.º Para esse cargo, desde já ficam nomeados os socios Antonio de Almeida Cabral e Antonio Faria Martins.*

8.º *§ 2.º Alem destes dois gerentes, poderá haver um terceiro; mas este será nomeado em Assembleia Geral dos socios e a sua gerencia, gratuita, só será obrigatoria quando tenha de substituir qualquer dos gerentes efectivos nas suas faltas ou impedimentos, pois, do contrario, é meramente facultativa.*

9.º *§ 3.º A gerencia efectiva vencerá a remuneração mensal que lhe for arbitrada pela Assembleia Geral.*

10.º *§ 4.º Todos os gerentes ficam autorizados a assinar, individualmente, quaisquer documentos sociais, sendo porem obrigatoria a assinatura de dois em conjunto para documentos que envolvam responsabilidade superior a cinco conios.*

11.º *§ 5.º Qualquer gerente poderá ser destituido do seu cargo em qualquer ocasião, desde que em Assembleia Geral se prove que a sua continuação é prejudicial á sociedade.*

12.º *A cessão ou transferencia de quotas, por qualquer modo ou titulo, em favor de estranhos, só poderá ser feita se nela consentir expressamente a sociedade, a qual se reserva o direito de preferencia.*

13.º *§ 1.º Este direito, não querendo a sociedade exercê-lo, pertencerá aos socios individualmente.*

14.º *§ 2.º Se dois ou mais socios quiserem usar do mesmo direito, será a quota a ceder dividida entre eles na proporção das quotas que então possuírem.*

15.º *E' dispensado o consentimento especial da sociedade para a cessão de quotas, no todo ou em parte, em favor dos conjugues ou descendentes dos socios indivi tuais bem como para a divisão delas pelos seus herdeiros, os quais exercerão o seu direito em co-*

16.º *mum enquanto as mesmas se acharem indivisas.*

17.º *E' igualmente dispensado o consentimento da sociedade para a cessão total das quotas das firmas societarias as firmas que se constituam em sua sucessão.*

18.º *Quando a sociedade ou os socios individualmente preferam na aquisição das quotas, o pagamento será feito aos cedentes pelo valor que lhes tiver sido atribuido no ultimo balanço, acrescido da parte correspondente ao fundo de reserva, dentro do prazo de um ano com o juro que então o Banco de Portugal tenha estabelecido para os seus descontos.*

19.º *Decretada a interdição ou por morte de qualquer dos socios, subsistirá a sociedade com o interdito representado pelo seu administrador legal ou com os herdeiros do morto, que nomearão entre si um representante.*

20.º *A escrituração será feita sob a responsabilidade e a cargo da gerencia e estará sempre patente aos socios, que terão o direito de a examinar quando quiserem, por si directamente ou por pessoa da sua confiança.*

21.º *As Assembleias Gerais reunirão ordinariamente até ao dia dez de cada mez e extra ordinariamente serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos socios.*

22.º *Qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os supmentos de que esta careça, mediante o juro que se combinar.*

23.º *Os anos sociais terão começo em um de Janeiro e findarão em trinta e um de Dezembro.*

24.º *O balanço geral, com o relatório da gerencia, será apresentado á Assembleia Geral dos socios durante o mez de Fevereiro seguinte ao termo de cada exercicio.*

25.º *Os lucros liquidos apurados em cada balanço terão a seguinte applicação: a) 5 o/o para fundo de reserva legal; b) 15 o/o para gratificação á gerencia efectiva; c) 80 o/o para dividendo aos socios na proporção das suas quotas.*

26.º *§ 1.º Se em vez de lucros hou-*

27.º *ver prejuizos, serão estes suportados pelos socios na mesma proporção.*

28.º *§ 2.º Quando o fundo de reserva legal se encontrar realocado, serão os 5 o/o a ele destinados incluídos no dividendo a distribuir aos socios.*

29.º *A dissolução da sociedade só se dará nos precisos casos marcados na lei e então a liquidação e partilha serão feitas conforme for de direito.*

30.º *Em todo o omissso regularão as disposições da lei de onze de Abril de mil nove centos e um e mais legislação applicavel.*

31.º *Guimarães, 10 de Janeiro de 1923.*

O Notario,
Antonio José da Silva Basto Junior.

EDITOS DE 30 DIAS

No Juizo de Direito da comarca de Faro e cartório do escriptivo do 2.º officio, Anibal V. Pinto Santos, e na acção de processo ordinário para investigação de paternidade ilegítima que Fausta das Dores Santana, solteira, maior, doméstica, moradora em Faro, move contra a Fazenda Nacional e incertos, correm éditos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação do competente anuncio no «Diario do Governo» citando quaisquer herdeiros incertos do Dr. João Ferreira da Silva Guimarães que foi Desembargador da Relação de Coimbra, ali falecido, para todos os termos da petição da referida acção e para na segunda audiencia posterior ao prazo dos éditos verem acusar a sua citação e marcar se lhes o prazo legal para contestarem, querendo, a referida acção. As audiencias no referido Juizo de Direito da Comarca de Faro, fazem-se ás segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo feriado, porque então se fazem no dia immediato, no tribunal judicial sito na rua Domingos Guieiro.

Guimarães, 7 de Abril de 1923.

Verifiquei a exatidão.

O Juis de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

O escriptivo do 4.º officio

Rodrigo Augusto da Graça Alves

Tipografia Luzitania

DE

JOÃO PEREIRA DA COSTA

45, RUA DO GRAVADOR MOLARINHO, 49

GUIMARÃES

EXECUTA COM A MÁXIMA PERFEIÇÃO TODOS OS TRABALHOS CONCERNENTES Á ARTE TIPOGRAFICA.

Ecos de Guimarães

8.º ANO ORGÃO MONARQUICO N.º 12

Ex.º Sr.